

A *morabeza* cabo-verdiana: contributos para a sua análise

João Paulo Madeira
Universidade de Cabo Verde
joao.madeira@docente.unicv.edu.cv

Resumo

Perante diversos condicionalismos, o homem cabo-verdiano procurou ao longo de séculos desenvolver mecanismos que permitissem a sua sobrevivência, cultivando um modo peculiar de ser e de estar no mundo. A *morabeza* é o termo conhecido no dia-a-dia que melhor descreve esta forma cordial de se relacionar com o outro, fazendo do arquipélago um caso particular de estudo. Procura-se, com o presente artigo, refletir sobre este conceito, adotando para o efeito uma perspetiva intersubjetiva e interdisciplinar. Ao analisar esta noção do ponto de vista cultural e identitário, mostra-se imprescindível construir um modelo analítico que melhor se adequa ao objeto de estudo.

Palavras-chaves: Identidade, nação, *morabeza*, cordialidade.

Abstract

In view of the various constraints, the Cape Verdean man sought for centuries to develop mechanisms that could allow their survival, cultivating a peculiar mode of being and living in the world. The *morabeza* is the term that best describes this particular way of warm relationship, making the Islands a particular case of study. This article reflects this concept, adopting for this purpose an intersubjective and interdisciplinary perspective. By analyzing this notion of identity and cultural point of view, it becomes essential to build an analytical model that best fits the object of study.

Keywords: Identity, nation, *morabeza*, cordiality.

Notas prévias

O arquipélago de Cabo Verde, fruto da sua particularidade histórica, evidencia traços culturais distintos em relação aos demais países da África Lusófona. As características geográficas determinaram, logo após o início do povoamento do arquipélago, um modelo de organização social que resultou da diversidade cultural, étnica, linguística e religiosa dos seus habitantes (Madeira, 2016a). Este modelo deu origem a um traço de “cordialidade” e, ao mesmo tempo de resistência que ainda se encontra presente nestas ilhas. As condições da economia de Cabo Verde favoreceram e originaram uma “consciência coletiva tendente a procurar na intelectualidade, na supremacia do espírito, o único meio de superar as condições deficitárias de vida” (Lopes, 1959: 137).

Martins (1998), de forma poética, refere-se à grandiosidade dos

cabo-verdianos, num arquipélago árido e insular, onde a força de vontade, assente na *morabeza*, lhes possibilitou vencer e enfrentar as dificuldades e sonhar com uma vida melhor nas ilhas.

Chamamos uma vez a Cabo Verde, estrela salgada de dez braços, e em cada braço uma esperança. Se pusermos hoje em cada esperança mil certezas, ficaremos com uma ideia clara do espírito com que se enfrentam as dificuldades nesta pátria do meio do mar. Devagar, a reconstrução nacional avança. Dor a dor. Amor a amor (Martins, 1998: 21).

A cultura cabo-verdiana é *sui-generis*, ou seja, possui um conjunto de valores que a singularizam (Lopes Filho, 1995). A *morabeza* é o termo conhecido em Cabo Verde para descrever a capacidade que os seus habitantes possuem de acolher o outro com cordialidade e respeito, sendo este aspeto algo efetivamente particular.

Morabeza cabo-verdiana: forma de confraternização social

Residir num arquipélago árido com poucos recursos naturais que pudessem garantir a sobrevivência dos seus moradores, tanto no início do povoamento como em finais do século XIX, altura em que os “filhos da terra” começam a se afirmar, pressupunha a aproximação entre diferentes grupos populacionais. Verificava-se uma relação de interdependência, de vizinhança entre os moradores e entre esses e os que passavam por Cabo Verde, tornando-se necessária esta relação para a sobrevivência dos habitantes nas diferentes ilhas.

Com efeito, em razão das condições adversas sócio-económico-alimentares, nem africanos nem europeus poderiam sobreviver independentemente do outro

(Peixeira, 2003). A falta de recursos, principalmente a escassez dos alimentos cerealíferos que faziam parte da dieta dos povos da região do mediterrâneo impossibilitou a fixação de um número considerável de população branca. Aqueles que se fixaram no arquipélago viram-se confrontados com a escassez de recursos naturais, que punha em causa a sua própria sobrevivência. A aproximação entre o colono e o escravo, em que ambos se viram separados da sua própria raiz e do percurso evolutivo das suas culturas de origem (Lopes Filho, 2003), nem sempre foi pacífica, uma vez que existiam contradições e conflitos gerados pela interculturalidade, e que contribuíram, de forma positiva, para o surgimento de novas

estruturas e práticas determinantes na formação da sociedade cabo-verdiana (Madeira, 2016b).

Este contato deu origem a um novo elemento humano, o cabo-verdiano que apresenta uma identidade cultural distinta, procurando cultivar a tal *morabeza* e demarcar a sua espiritualidade cordial e a sua forma *sui generis* de confraternização social. A *morabeza* pode ser considerada como “a capacidade de adesão sentimental a problemas e situações alheias e de sintonização afectiva com o seu semelhante (...) ‘algo que’ leva a um convívio familiar com as pessoas e até com as coisas: que lhe solicita uma ânsia irreprimível de diálogo” (Mariano, 1991: 77:79).

Numa sociedade, é tarefa árdua combater as diferenças, mas é precisamente pelo facto dos antagonismos não se combaterem, que é com profunda harmonia que os cabo-verdianos procuram confraternizar e se submeter aos mecanismos de “dar-e-receber”. Na verdade, o que caracteriza particularmente o processo de miscigenação em Cabo Verde é o traço de cordialidade, que se traduz na *morabeza* dos homens das ilhas, sendo esta “entendida como predisposição para a familiarização das relações sociais, portanto em contraposição a exteriorização dos conflitos” (Anjos, 2000: 201). A mestiçagem, “numa sociedade moldada pelo mulato, seria, deste modo, ao invés da plasticidade lusa, o principal fator explicativo da cordialidade crioula. Parece ter havido um encadeamento causal entre a mestiçagem biológica e cultural e o carácter cordial ilhéu” (Pina, 2007: 46). A mestiçagem, “além de fenómeno biológico, pode também ser considerada um estilo de vida e uma maneira de pensar o mundo, envolvendo cordialidade” (Sansone, 1996: 214).

No romance *Hora di Bai*, Ferreira (1972) debruça-se sobre aquilo que reflete bem o espírito cordial do cabo-verdiano e a saudade profunda que sente ao deixar a sua terra, emigrando à procura de uma vida melhor. Citando a personagem *Nha Venância*, uma mulher viajada, que já esteve em Portugal, na cidade de Lisboa, e que, não obstante reconheça as oportunidades ímpares que aí se encontram, não a trocaria com o Mindelo, porque para *Nha Venância*, Mindelo é a cidade onde “o encanto dos dias estava em conversar com pessoas amigas; porque a vida sem amizades, sem convivência, para que prestava? Só o convívio, as reuniões, as conversinhas demoradas ajudavam a encher os dias longos” (Ferreira, 1972: 58). Para o autor, *Nha Venância* “sempre foi mulher de relações, de visitas, de encontros à tardinha nos bancos da praça nova. Esse estilo de vida, com tal *Morabeza*, só na sua própria terra seria possível” (Ferreira, 1972: 58).

Cabo Verde nasceu sob o signo da *saudade* que, a par de *morabeza*, ambas “podem ser consideradas como o verso e o reverso do mesmo sentimento que melhor caracteriza e identifica o homem cabo-verdiano, ser expansivo e de trato fácil” (Brito-Semedo, 2005: 736). A *morabeza*, amorabilidade ou amorosidade atribuída aos cabo-verdianos é,

atualmente, entendida como fator de resistência do ilhéu que imprimiu o seu ritmo dolente ao idioma do colonizador, inoculando-o com traços da sua musicalidade mestiça, resultado do entrecruzamento das culturas que permearam a formação do povo de Cabo Verde (Secco, 1999: 11).

Perante os condicionalismos climáticos e geográficos, o homem cabo-verdiano soube sobreviver por intermédio de estratégias definidas e um dos mecanismos utilizados para os

ultrapassar foi certamente a *morabeza*, a hospitalidade e a boa convivência dos seus habitantes. Este aspeto corresponde a uma das características do povo que procura expressar harmonia e cordialidade, bem como solidariedade muito patente em tempos da chuva. De facto, constata-se que entre Julho a Outubro, época das chuvas, os homens das ilhas são geralmente mais generosos e acolhedores.

Apesar das dificuldades do dia-a-dia, os habitantes souberam cultivar a cordialidade, a compreensão e o respeito. A *morabeza* é atualmente representada e interpretada através das músicas, danças e poesias, principalmente a morna, que, na sua génese, se destaca por um conjunto de características singulares do homem ilhéu, como o sonho de uma

vida melhor, a coragem para enfrentar as rudes situações da vida e, acima de tudo, a vitória sobre as adversidades no arquipélago.

Longe da sua terra natal e das suas origens, tanto o africano como o europeu desenvolveram um sentimento de perda e de *saudade* que foi posteriormente fundido na mestiçagem, surgindo por exemplo as cantigas crioulas, que deram origem à morna, de um tom dolente e nostálgico (Brito-Semedo, 2005). Os momentos interpretados pelas mornas representam o auge da solidariedade e de interdependência entre os cabo-verdianos, e culminam com o reforço dos laços emocionais no seu relacionamento, tendo como base a ideia da *morabeza*.

Morabeza como fator de estabilidade social e política

A *morabeza* do povo cabo-verdiano permitiu-lhes que, perante diferenças e similaridades entre as ilhas, cultivassem um espírito cordial e de amabilidade para com o outro. Esta característica é apontada como um dos fatores de estabilidade e de consolidação da democracia neste país e, conseqüentemente, uma das marcas mais expressivas da cultura cabo-verdiana.

No romance *Hora de Bai*, Ferreira (1972), faz referência à história de uma possível traição entre um forasteiro (tropa), de nome Alferes, e Beatriz, mulher de Juca Florêncio. O cerne desta história combina um romance secreto (entre Alferes e Beatriz) e a dúvida do Juca Florêncio, sobre a possível traição da esposa, pelo facto de ela receber com frequência o forasteiro em sua casa. Entretanto, Juca Florêncio, se bem que ainda com algumas dúvidas, considera serem normais as visitas do forasteiro

à sua esposa, pelo facto de os cabo-verdianos com tanta naturalidade, serem hospitaleiros e de muita *morabeza*. Juca Florêncio entende estas visitas como “a coisa mais natural deste mundo: valha-nos Deus! Cabo-verdiano gosta de receber e está sempre de mãos abertas para acolher os seus amigos. A coisa mais natural a visita da tropa, lá isso era” (Ferreira, 1972: 116).

O carácter singular e cordial dos “homens das ilhas” fez com que Lopes da Silva (1947: 9-10) considerasse que no arquipélago as classes sociais não constituíssem “categorias fechadas e estanques e o mesmo indivíduo pode conhecer durante a sua vida diversos escalões de consideração social, independentemente das circunstâncias do seu nascimento ou da cor da sua pele, tudo consoante o seu comportamento perante as perspectivas de acesso social” A perspectiva de autor refere-se ao

carácter solidário dos cabo-verdianos, da sua responsabilidade social, sobretudo no que se refere à relação entre os indivíduos das diferentes camadas sociais.

O homem cabo-verdiano adquiriu ao longo do tempo, uma atitude de afeição, aceitação, admiração, em suma, de hospitalidade e familiaridade para com o próximo, o que possibilitou um maior vínculo à terra das suas origens, sentindo saudades dela quando emigra, principalmente do convívio e do calor humano dos seus familiares e amigos. Para Brito-Semedo (2005), o cabo-verdiano habitou desde muito cedo com a chegada e a partida de pessoas de outras paragens, e até com a sua própria partida em busca de melhores condições de vida. Esta realidade fez com que o cabo-verdiano procurasse manter uma relação de proximidade e receber com disponibilidade natural e de forma amável pessoas de outras localidades, ilhas e nacionalidades. Brito Semedo (2005: 737) relembra que “todo o cabo-verdiano tem um filho, um parente, um compadre ou um amigo a viver em outra ilha, ou mesmo emigrado no estrangeiro, que visita a terra com regularidade e com quem mantém relações próximas”. É esta atitude amigável, simpática e gentil de receber e de querer agradar e partilhar que é, afinal, uma maneira de expressar a forma como gostaria de ser recebido, que é a *morabeza*.

A *morabeza* cabo-verdiana, além de ser um fator de estabilidade social, constitui igualmente um fator de estabilidade política, pois é “uma espécie de cordialidade crioula, que pressupõe, socioculturalmente falando, uma marcante disposição psicológica democrática na cultura nacional” (Pina, 2011: 238-239). Esta pré-disposição

reflete-se sobretudo na forma como os cabo-verdianos interiorizam as regras democráticas, o que permitiu que a consolidação democrática constituísse efetivamente uma realidade, sobretudo na fase de pós-conflito, cujo comportamento dos seus habitantes constitui uma referência na região africana.

A consolidação da democracia depende de diversos fatores, sobretudo de comportamento, de atitude e da confiança que a sociedade civil deposita num determinado regime político. Os valores que a sociedade cabo-verdiana defende, permitem a legitimação da democracia e dos partidos políticos, apesar de ser objeto de um intenso debate no campo da ciência política. Quando comparado com alguns países africanos, o comportamento da sociedade cabo-verdiana perante o regime vigente configura, de alguma forma, o que hoje se pode defender como um desempenho, uma atitude, uma prática de *morabeza*. Pois depreende-se do desempenho do cabo-verdiano a sua familiaridade, maneira, atuação, idiosincrasia, “a sua Morabeza; o seu feitio hospitaleiro, de uma hospitalidade amorosa, integral, sem reservas; a sua franqueza, a sua liberalidade ingénua, a sua fraca noção de centavo” (Mariano, 1991).

Além disso, a *morabeza* é hoje uma marca essencial a que se assiste nas diversas campanhas publicitárias e esforços promocionais do turismo em Cabo Verde. A *morabeza*, de certa forma, é um traço do cabo-verdiano, que vem sendo, por vezes, utilizado no sentido de divulgar Cabo Verde, constituindo igualmente um atrativo para aqueles que queiram visitar ou residir no arquipélago. Apesar de constituir uma prática que vem sendo transmitida de geração em geração, esta não se tem verificado nos dias de hoje, sobretudo nos

meios urbanos fruto de uma dinâmica de mudança sociocultural. Pensar na *morabeza* é pensar na especificidade de Cabo Verde, numa sociedade em que as relações sociais e políticas deram lugar a junção de forças solidárias suscitadas pela sua singularidade e respetivas características culturais e identitárias.

Referências bibliográficas

- Anjos, J. C. G. dos (2000). Cabo Verde e a importação do ideograma brasileiro. *Horizontes Antropológicos*, 6, 14, 177-204.
- Brito-Semedo, M. (2005). *Morabeza*. In F. C. Cristovão, M. A. Amorim, M. L. G. Marques & S. Brites Moita (Dir e Coord.). *Dicionário Temático da Lusofonia* (pp. 736-737). Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, M. (1972). *Hora di Bai*. Lisboa: Plátano.
- Lopes da Silva, B. (1947). *Uma Experiência Românica nos Trópicos (I)*. *Clareza: Revista de Arte e Letras*, 4, 9-10.
- Lopes, F. (1959). A importância dos calores espirituais no panorama cabo-verdiano. *Colóquios Cabo-verdianos*, 22, 131-140.
- Lopes Filho, J. (2003). *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação de Cabo Verde.
- Lopes Filho, J. (1995). *Cabo Verde: Retalhos do Quotidiano*. Lisboa; Caminho.
- Madeira, J. P. (2016a). Cape Verde: Dimensions in Nation-Building. *Humania del Sur*, 11, 20, 93-105.
- Madeira, J. P. (2016b). A Construção do Estado-Nação em Cabo Verde. In B. C. Reis (Coord.). *Radiografia Crioula: Um diagnóstico político e social de Cabo Verde* (pp. 49-82). Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa & Sílabas Desafios.
- Mariano, G. (1991). *Cultura Caboverdiana: Ensaio*. Lisboa: Vega.
- Martins, O. (1998). *Gritarei Berrarei Matarei Não Vou Para Pasárgada*. Mindelo: Instituto de Promoção Cultural.
- Peixeira, L. M. de S. (2003). *Da mestiçagem à Caboverdianidade: Registos de uma Sociocultura*. Lisboa: Colibri.
- Pina, L. J. de (2011). Cabo Verde: expressões ibéricas de cultura política, morabeza e cordialidade. *Confluenze: Revista de Studi Iberoamericani*, 3, 2, 237-253.
- Pina, L. J. de (2007). *Morabeza e Cultura Política de Matriz Ibérica: Entre Críticas e Apologias*. *Revista de Estudos Cabo-Verdianos*, 1, 41-57.
- Sansone, L. (1996). As relações raciais em Casa-Grande e Senzala revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização. In M. C. Maio & R. C. Santos (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade* (pp. 207-218). Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB.
- Secco, C. L. T. R. (Coord.) (1999). *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do Século XX: Cabo Verde*. Rio de Janeiro: Faculdade das Letras.